

The enchanting soul of the streets: River of January e a tradução de crônicas de João do Rio para a língua inglesa

The enchanting soul of the streets: River of January and the translation of João do Rio's chronicles into the English language

Mirian Ruffini*

RESUMO: O livro de João do Rio *A alma encantadora das ruas* (1908) apresenta crônicas jornalísticas que retratam os setores marginalizados em sua época. Sua tradução por Mark Carlyon à Língua Inglesa é intitulada *The enchanting soul of the streets*. Integrante da série *River of January*, a obra foi publicada pela editora Cidade Viva em 2010 e se destina à divulgação de escritores cariocas e da própria cidade do Rio de Janeiro, em virtude dos eventos esportivos de 2014 e 2016, a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Este estudo tem o objetivo de analisar a tradução desta obra para a Língua Inglesa, explorando aspectos referentes à publicação do livro, como sua edição, sua organização e planejamento, bem como o papel do mecenato ou patronagem, nos termos de Lefevre (1992). Destaca-se também como propósito desta pesquisa explorar a obra de João do Rio e sua especial ênfase no retrato social presente em suas crônicas, a fim de apreciar a relevância da obra *The enchanting soul of the streets* para a coleção *River of January* e a definição do possível público leitor da obra traduzida. Por fim, esta investigação realiza um sucinto estudo descritivo do processo tradutório da obra, englobando macro e microanálises da tradução.

PALAVRAS-CHAVE: João do Rio. Crônicas. Tradução. Patronagem.

ABSTRACT: João do Rio's book entitled *A alma encantadora das ruas* (1908) presents journalistic chronicles which portrait marginalized sectors during the writer's time. Its translation by Mark Carlyon into the English Language is entitled *The enchanting soul of the streets*. Taking part in the series *River of January*, this literary work was published by Cidade Viva in 2010 and its aim is to publicize Rio de Janeiro and its writers due to the sports events of 2014 and 2016, the World Cup and the Olympic Games. This study aims at analyzing the translation *The enchanting soul of the streets* into the English Language in order to explore aspects concerning the book publication, such as its edition, organization and conception as well as the role of patronage, as conceived of by Lefevre (1992). This research also has the purpose to investigate João do Rio's work and its especial emphasis on the social portrait found in his chronicles, so as to appreciate both the relevance of *The enchanting soul of the streets* to the series *River of January* and the definition of a likely reader of the translated book. Finally, this investigation carries out a brief descriptive study regarding its translation process, comprising macro and microanalyses of this translation.

KEYWORDS: João do Rio. Chronicles. Translation. Patronage.

* Doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do Departamento de Letras, Área de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Pato Branco.

1. Introdução

A obra *A Alma Encantadora das Ruas* (1908) de João do Rio (João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, 1881-1921) foi traduzida para a Língua Inglesa após mais de um século de sua escrita. O livro inclui crônicas jornalísticas do autor que denunciam a exclusão de certos grupos da sociedade, como os estivadores, as prostitutas e os mineradores. Sua tradução, *The enchanting soul of the streets*, cujo processo tradutório de Mark Carlyon se iniciou em 2009, integra a série *River of January*, publicada pela editora Cidade Viva em 2010. A coleção, por meio do trabalho de seus escritores, retrata a vida e os costumes da cidade do Rio de Janeiro nos últimos 200 anos. Em virtude de eventos esportivos mundiais na cidade, mais precisamente, a copa do mundo (2014) e os jogos olímpicos (2016), houve um forte patrocínio para a publicação por parte do Instituto Light e o governo do estado.

Frente a isso, esta proposta tem o objetivo de analisar a tradução da obra para a Língua Inglesa, explorando aspectos referentes à própria publicação do livro, como sua edição, sua organização e planejamento, por meio da investigação do mecenato ou patronagem, segundo a definição de Lefevere (1992), na escolha da obra. Ressalta-se também, dentre os objetivos do estudo, o de conhecer a obra de João do Rio e sua especial ênfase sobre o retrato social presente em suas crônicas, com o intuito de apreciar a implícita relevância da obra para a coleção *River of January*. Além dos objetivos já evidenciados, tem-se o propósito de analisar o processo tradutório da obra sob a perspectiva de estudos descritivos da tradução, com base na teoria de Lambert e Van Gorp (2006) e Toury (2012), bem como desvendar parte do projeto tradutório de Mark Carlyon, descrito na explanação de algumas das suas estratégias de tradução empregadas, a fim de perceber os problemas tradutórios encontrados pelo tradutor e as soluções por ele adotadas.

O enfoque desta investigação está na tradução ao inglês da obra realizada por Mark Carlyon. Por tal razão, as citações dos trechos discutidos são extraídas da versão em inglês e o texto fonte escrito por João do Rio é apresentado em nota de rodapé.

2. A obra de João do Rio

Em sua obra, João do Rio denuncia a pobreza, a destituição, as descrenças e as superstições dos marginalizados de sua época. O autor foi um escritor, jornalista e tradutor ao português brasileiro de obras como *Salomé* (1906), *Intenções* (1912), e *O retrato de Dorian Gray* (1923), de Oscar Wilde. As poéticas do esteticismo e do decadentismo, que João do Rio

partilhava com Wilde, apresentam características próprias, como a figura do poeta maldito, a autonomia da arte e o Dandismo. A melancolia, o desencanto e o tédio são traduzidos no termo *spleen* e na nova arte literária proposta por esses autores irreverentes.

Em sua própria obra, *A alma encantadora das ruas*, João do Rio apresenta crônicas do jornalismo investigativo, mostrando a realidade das ruas e dos desprivilegiados do início do século XX no Rio de Janeiro. Suas crônicas foram classificadas como ficcionais pela classe abastada da época, tamanha a sua crítica social. O viés decadentista do autor recebe especial destaque, com enfoque no olhar do *flâneur*, que aponta as condições de vida do homem urbano do Rio no final do século XIX. Ainda merece atenção o fato de o autor tratar de assuntos que suscitavam o preconceito da elite, citando versos populares, comentários políticos escritos por presos e até marchinhas de carnaval.

O Rio de Janeiro passava por turbulência exacerbada nas primeiras décadas da república. Segundo Carvalho (2012, p. 16), as mudanças do novo regime geraram fenômenos antes inexistentes no Brasil, como a violência, o desemprego e o subemprego, com grande contingente de desocupados ou de empregados em profissões subalternas e de pouca remuneração. A cidade do Rio de Janeiro, com pouco mais de 500 mil habitantes, contava com mais de 200 mil de seus moradores em situação de emprego mal definida, no limiar da ilegalidade. Carvalho (2012, p. 18) aponta que havia graves problemas de habitação, abastecimento e saneamento, além daqueles econômicos, como a inflação e o aumento desenfreado dos preços. Com o avanço de impostos e do custo de vida, o carioca lutava por sua sobrevivência em clima de disputas políticas e imposições por parte do governo republicano do Marechal Floriano Peixoto (1891-1894).

A divergência entre a vida da população e os valores conservadores era visível, pois surgiam os marginalizados, os imigrantes sem colocação, o baixo número de casamentos e de formação de famílias e, em consequência, o aumento de filhos ilegítimos e um afrouxamento de costumes. A perseguição do governo contra pobres e negros concretizou-se com a acossa dos capoeiras, dos bicheiros e dos moradores de cortiços. Havia também o contraste entre o Brasil pobre e o Rio *belle époque*, com seu apogeu no início do século XX, o que oferecia ao estrangeiro uma falsa visão de um Rio europeizado e opulento. A admiração por Paris refletia-se nas reformas realizadas na cidade do Rio, com a criação de jardins, a abertura da Avenida Beira-Mar, a construção do porto e a criação dos bondes elétricos. Nessa época, os intelectuais se atinham à literatura e a postos burocráticos no governo. Nos trechos selecionados,

percebemos a marca de denúncia jornalística do autor em suas crônicas, mantida no texto traduzido por Mark Carlyon.

Pinheiro (2012, p.69) ressalta que a crônica era o gênero eleito pelos jornalistas do tempo de João do Rio. Por ter base em fatos, mistura o real e a ficção e permite que o leitor presencie os acontecimentos, compactuando com os sentimentos da população:

[...] the street is a component of life in the cities, the street has soul! In Benaires or Amsterdam, in London or Buenos Aires, under every differing Sky, in every sundry clime, it is the street that is the refuge of the poor. The wretches do not feel completely deprived of the help of the gods as long as, before their eyes, one street opens into another. The street acclaims the mediocre, the luckless, the paupers of art (RIO, 2010, p. 51)¹.

Ainda conforme Pinheiro (2012, p. 68) a palavra *flâneur*, do francês, denota aquele que passeia sem destino pela cidade. Rocha (2010, p.2) explica que o termo foi cunhado por Baudelaire (1821-1867) com a formação das grandes cidades, entre elas Paris, para expressar o observador detetive, ou seja, aquele que tem uma visão privilegiada e é capaz de leituras abrangentes da cena urbana e de suas personagens. No trecho seguinte, o *flâneur* de João do Rio celebra a ociosidade:

[...] we have but scanty knowledge of these things. To understand the psychology of the street, to bask in the heat of the sun or the glow of the moon is not enough. One must have the vagabond spirit, full of unhealthy curiosity and be driven by a relentless, inexplicable desire: one must be what is called a *flâneur* and practice the most interesting of sports – the art of strolling. Is it a tiring pursuit? (RIO, 2010, p. 53)².

João do Rio aponta que os monarquistas eram acusados de pertencerem a grupos criminosos, como incendiários, mulheres execráveis, capoeiras, ladrões e assassinos. O *flâneur* de João do Rio denuncia essa injustiça ao falar da noite no Rio de Janeiro, sob a qual somente os destituídos aparecem:

¹ [...] a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma. Em Benarés ou Amsterdã, em Londres ou Buenos Aires, sob os céus mais diversos, nos mais variados climas, a rua é agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte (RIO, 2010, p. 50).

² [...] essas qualidades nós as conhecemos vagamente. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar. É fatigante o exercício? (RIO, 2010, p. 52).

[...] the soul of the street is only entirely perceptible at night. [...] the square, despite the reforms, seems to have kept its tradition of sleeping early. At night nothing revives it, nothing wakes it up. Like a sigh, a tremendous struggle dies within it, the light fights on against the darkness; even the street lamps seem drowsy; and the shadows creep past – the rags of existence, craving an early end – thieves with no shelter, starving immigrants... (CARLYON, 2010, p. 65)³.

Santos (2010, p. 9) explica que o tema prostituição é recorrente nos trabalhos de João do Rio, como em *História de gente alegre e Uma mulher excepcional*. Na seção do livro *The enchanting soul of the streets*, intitulada *Three aspects of poverty/Três aspectos da miséria*, João do Rio, traduzido por Mark Carlyon, conta sobre a penúria vivida pelos desprovidos e pelas prostitutas cariocas. Dentro desta seção encontra-se, na tradução, a subseção *Moths of luxury/Mariposas de luxo*:

[...] no-one knows them and no-one notices them, except the Odd lovelorn salesman or some smart-aleck philander. And they, poor things, pass everyday at this indecisive hour! They always look like frightened birds, dizzy with luxury, drunk from looking. What does this cruel life, in its mystery, hold in store for them? Work, work; perdition, which is the most likely hypothesis; tuberculosis or being worn to a shred by a house-load of children. That street will never know them. That luxury will only live in their dreams (RIO, 2010, p. 271)⁴.

Por outro lado, Souza (2008, p. 4) expõe que as relações no campo de trabalho, no final do século XIX no Rio de Janeiro, incluíam pessoas destituídas que, buscando sua subsistência, realizavam atividades precárias, com remuneração reduzida. Essas pessoas reuniam-se a outros trabalhadores em condição semelhante e sem perspectiva de mudança, perpetuavam rotinas desumanas de labor. No trecho de *The enchanting soul of the streets*

³ [...] A alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias. [...] o largo, apesar das reformas, parece guardar a tradição de dormir cedo. À noite, nada o reanima, nada o levanta. Uma grande revolução morre no seu bojo como um suspiro; a luz leva a lutar com a treva; os próprios revérberos parecem dormitarem, e as sombras que por ali deslizam são trapos da existência almejando o fim próximo, ladrões sem pousada, imigrantes esfaimados... (RIO, 2010, p. 64).

⁴ [...] ninguém as conhece e ninguém nelas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum pícaro sacerdote de conquistas. Elas, coitaditas! Passam todos os dias a essa hora indecisa, parecem sempre pássaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mistério a vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais fácil das hipóteses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquela rua não as conhecerá jamais. Aquele luxo será sempre sua quimera (RIO, 2010, p. 270).

intitulado *Stevedores/Trabalhadores da estiva*, João do Rio traça um panorama sobre a condição de vida dos estivadores, por meio do testemunho da personagem *Flâneur*:

[...] but as I watched their resigned-looking faces in the broad light of day the impression that they gave was entirely different. They were inordinately muscular; and all of them were pale – a lacklustre paleness as if their skin had been covered with a yellow film of paper; and so they stood, hunched over, hands in their pockets, like figures in a bas-relief of disillusion, or in a frieze of anguish (RIO 2010, p. 283)⁵.

O *Flâneur* ouve o depoimento dos próprios trabalhadores da estiva excluídos, que sem esperança, parecem conformados à espécie precária de sua existência:

[...] the bosses don't care if overwork destroys us. Go to the dockside, Go to the market. You'll see a whole lot of us, wrecks, begging, picking through the leftovers. If they go anywhere near the households for which they gave their whole lives, they're chased away (RIO, 2010, p. 290-291)⁶.

Outras classes trabalhadoras eram marginalizadas no Rio de Janeiro da *belle époque*, como os operários das minas. No trecho *Black hunger*, João do Rio dirige sua denúncia sobre a implacável realidade dos mineradores:

[...] They work ten hours a day, with short breaks for meals, for a wage of five thousand *reis*. The official wage is eight thousand *reis*; but one thousand five hundred is discounted for their food and another one thousand five hundred for their sleeping quarters.[...]this is a breed of people who shovel coal and iron-ore and live on the industrial islands in the bay; coarse creatures, hand-picked, without a single idea in their heads (RIO, 2010, p. 295)⁷.

⁵ [...] eu via, porém, essas fisionomias resignadas à luz do sol e elas me impressionavam de maneira bem diversa. Homens de excessivo desenvolvimento muscular, eram todos pálidos – de um pálido embaciado como se lhes tivessem pregado à epiderme um papel amarelo, e, assim, encolhidos, com as mãos nos bolsos, pareciam um baixo-relevo de desilusão, uma frisa de angústia (RIO, 2010, p. 282).

⁶ [...] os patrões não querem saber se ficamos inúteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá à marítima, ao mercado. Encontrará muitos dos nossos arrebatados, esmolando, apanhando restos de comida. Quando se aproximam das casas às quais deram toda a vida, correm-nos! (RIO, 2010, p. 50).

⁷ [...] Trabalha-se dez horas por dia, com pequenos intervalos para as refeições, e ganha-se cinco mil réis. Há, além disso, o desconto da comida, do barracão onde dormem, mil e quinhentos; [...]é uma espécie de gente essa que serve às descargas do carvão e do minério e povoa as ilhas industriais de baía, seres embrutecidos, apanhados a dedo, incapazes de ter ideias (RIO, 2010, p. 294).

Além da revelação sobre as más condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, o trecho da crônica aborda a forma robotizada com a qual estes viviam suas rotinas. Mecanicamente, retirando seu sustento das minas, sem pensar ou refletir sobre sua real condição e sem perspectiva de mudança, os mineradores viviam a desesperança dos destituídos em contraste à opulência dos grupos que desfrutavam as benesses da *belle époque* carioca.

3. Publicação, paratexto e patronagem

A Teoria dos Paratextos de Gerard Genette (2009, p. 10) defende a utilização dos textos de acompanhamento de publicações, como fonte de dados de pesquisa no âmbito do discurso e em outras áreas das Letras, como a Literatura. Os paratextos são divididos em peritextos, escritos junto ao volume físico da obra, e epitextos, textos referentes ao livro, mas publicados em outras fontes bibliográficas. Por meio dos paratextos se é possível obter subsídios a respeito de processos tradutórios e editoriais, e aspectos políticos, ideológicos, sociais e históricos. Alguns exemplos são: nota do editor, do tradutor, prefácio, posfácio e capas.

A edição de *The enchanting soul of the streets/A alma encantadora das ruas* é ricamente produzida e seus paratextos são igualmente elaborados. A capa e ilustrações são feitas em papel *couche matte* 150g/m² e as páginas impressas em papel *offset* 90g/m². A capa é dura e apresenta a imagem de uma cidade estilizada, com prédios na cor preta e fundo azul escuro, representando a noite.

Há um sumário bilíngue das páginas 10 a 13, que divide a obra em: 1- *The street/A rua*; 2 – *What one sees in the streets/O que se vê nas ruas*; 3 – *Three aspects of poverty/Três aspectos da miséria*; 4 – *Where the street sometimes ends/Onde às vezes termina a rua*; e 5- *The muse of the streets/A musa das ruas*. Os outros paratextos compreendem: uma *Introdução à coleção/Introduction to the series*, nas páginas 4/9; o prefácio intitulado *The Rio de Janeiro of João do Rio/A cidade e o tempo de João do Rio*, nas páginas 14/41; as *Notas do tradutor/Translation notes*, nas páginas 454/467, que são iniciadas com uma explanação do tradutor, intitulada *Traduzindo João do Rio/Translating João do Rio*, e a contracapa, na qual se apresenta uma sinopse da obra.

Das páginas 4 a 9 há uma introdução, com uma explanação sobre a coleção escrita por seus produtores, intitulada *River of January: o Rio de Janeiro visto pelos seus escritores/River of January: Rio de Janeiro through the eyes of its writers*. O objetivo da obra, segundo

Alquieres, Portela e Serra (2010), é proporcionar a leitura de textos representativos do viver carioca em múltiplas épocas e em versão bilíngue, tarefa complexa, dada a cuidadosa seleção do material e a dificuldade em encontrar tradutores com experiência na produção literária.

Os produtores e autores do prefácio defendem que a obra é inédita, pois a seleção de textos em edição bilíngue não fora anteriormente produzida; também esclarecem que a coleção é uma oportunidade de aprimoramento linguístico e de apreciação da boa literatura, ao mesmo tempo em que promove a valorização da cidade do Rio de Janeiro. A iminência dos eventos esportivos da copa do mundo em 2014 e dos jogos olímpicos previstos para este ano de 2016, desencadeou o movimento editorial em favor do Rio de Janeiro.

Das páginas 14 a 41, Serra e Rodrigues (2010) discorrem sobre João do Rio e seu contexto de vida no prefácio intitulado: *A cidade e o tempo de João do Rio/The Rio de Janeiro of João do Rio*. Relatam, por exemplo, como seu funeral fora grandioso e como sua atuação de escritor fora destacada na mídia, com ênfase no seu trabalho de cronista e jornalista. Sua morte prematura, de infarto aos quarenta anos, surpreendeu a todos, os seus admiradores, os políticos, e os literatos. Não obstante, não sendo aceito por unanimidade, ressaltam os editores, João do Rio é fonte de críticas por sua obra, julgada muitas vezes como superficial; do mesmo modo, sua personalidade irreverente não resultou ao menos em um discurso de agradecimento ou elogioso na Academia Brasileira de Letras, mas sim em apenas dez minutos de silêncio.

Sobre sua carreira no jornalismo, os editores lembram que João do Rio foi: “repórter, cronista, crítico de teatro e cinema, articulista, editor, colunista, diretor de jornal e empresário jornalístico” (SERRA; RODRIGUES, 2010, p. 18). Suas crônicas tornaram-se livros de grande sucesso; sua tendência à polêmica lhe rendeu agressões e até uma bomba, que explodiu por engano na casa de um vizinho. O escritor era uma figura contraditória, nunca neutra e sempre notável.

Os prefaciadores mencionam os livros *Religiões do Rio* (1904), *A alma encantadora das ruas* (1908), e *Vida vertiginosa* (1911). Nessas obras e nessa época João do Rio abordava temas relacionados à sociologia urbana. Entretanto, Serra e Rodrigues (2010, p. 21) lembram que João do Rio apresentava uma crítica social mais voltada para o esteticismo:

[...] (Robert E.) Park se situava, mesmo como repórter, dentro de uma perspectiva socialmente reformista, diferente da atitude estetizante, esnobe e descompromissada de João do Rio. Daí, talvez a definição de “radical de ocasião” dada por Antônio Candido.

Segundo os editores, o autor abordava nas obras, por exemplo, aspectos religiosos do Brasil em formação, como as práticas religiosas africanas e sua influência no catolicismo, o judaísmo e as religiões evangélicas. Outras obras incluem ensaios, peças de teatro, contos e romance, além de suas traduções. João do Rio, de acordo com os prefaciadores, foi um homem globalizado, o que se vê em *Na conferência de paz* (1919), obra que inclui entrevistas com personalidades, como o Papa Bento XV e o Presidente Wilson, demonstrando sua capacidade diplomática (SERRA; RODRIGUES, 2010, p. 25).

O prefácio é concluído com a lembrança de que a obra *A alma encantadora das ruas* foi recomendada pela revista *Bravo!*, em 2009, como um dos 100 Livros Essenciais da Literatura Brasileira. Além disso, observam que a obra de João do Rio ganha interesse acadêmico e crítico com trabalhos relativos à história, à cultura e à Literatura Brasileira no início do século XXI.

Com respeito à promoção e ao lançamento da coleção, um epitexto referente ao patrocínio da obra esclarece sobre a relevância dos relatos feitos por escritores de diferentes épocas sobre a cidade. No website *Rio e Cultura*, Jerson Kelman, presidente da Light na época da publicação da obra, emite a seguinte opinião:

[...]é fundamental mostrar as transformações da cidade. É um orgulho patrocinar um projeto que retrata uma época em que a Light esteve frequentemente associada a importantes transformações de nossa cidade e do modo de viver de nossa gente.

O representante do Instituto Light, Mozart Vitor Serra, coautor do prefácio, anuncia detalhes da coleção:

[...]elaborar uma coleção com essas características é duplamente um desafio e um estímulo à ousadia. Desafio de escolher os textos mais representativos do que seria a experiência carioca, de encontrar tradutores que, além de dominarem as duas línguas tenham talento literário nos dois idiomas, e de desenvolver um planejamento gráfico de excelência. [...] o trabalho gráfico de Evelyn Grumach, emprega diferentes fontes de letras para cada idioma, facilitando a leitura, e conferindo abordagem inovadora a ilustrações tridimensionais.

Os próximos clássicos da série *River of January*, igualmente ilustrados por nomes de referência nas artes plásticas, serão, de acordo com os promotores idealizadores da coleção: *Memórias de Um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, e *Casa Velha*, de

Machado de Assis. Nos termos de Lefevere (1992), percebe-se uma patronagem indiferenciada por parte dos idealizadores e patrocinadores. Configura-se um mecenato em que os provedores fornecem suporte financeiro que viabiliza a publicação, além de suporte ideológico, dado o aceite e estímulo da tradução da temática, e o incentivo à poética, uma vez que a iniciativa dos patrocinadores disponibiliza os tradutores-escritores necessários à transposição das obras para a língua estrangeira. Ricamente produzida, a publicação de *The enchanting soul of the streets*, integrante da coleção, parece ter o intuito de promover o autor, a cidade, os eventos esportivos e as empresas participantes do projeto.

Dentre os fenômenos observáveis da tradução, Lefevere (1992, p. 14) menciona dois fatores de controle de produção. Primeiramente, os agentes do polissistema de literatura traduzida (editores, críticos, tradutores e outros) atuarão no sentido de permitir, proibir ou adequar os textos na cultura da língua-fonte aos padrões literários e ideológicos vigentes na cultura da língua-alvo. Dessa forma, o tradutor poderá reescrever o texto literário de forma que seja aceito, ou melhor, compreendido na nova cultura.

O segundo fator de influência na produção de tradução, como explanado em relação à obra em questão, é a patronagem, que segundo os termos de Lefevere (1992, p. 15), significa o poder exercido pelos agentes do polissistema da literatura traduzida. As editoras podem exercer uma patronagem quando dispõem do desejo e da capacidade de veiculação e inserção do texto traduzido, do tradutor capacitado no que concerne à escrita literária, e do financiamento para a concretização da publicação da obra. Sob o controle desses dois fatores, intra e intersistemáticos, as traduções são produzidas dentro de um contexto cultural, sendo por este influenciadas. Entretanto, ao mesmo tempo, modificam-no, com os novos elementos trazidos pelo texto e cultura fonte.

Os agentes de vários polissistemas, segundo o conceito de Even-Zohar (1990), envolvem-se na produção da obra, interferindo em sua concepção, elaboração e veiculação. O sistema literário e seus agentes são representados, em certo grau, pela editora Cidade Viva, pelo tradutor Mark Carlyon e pelo autor João do Rio. Estes agem positivamente em favor da escrita, tradução e publicação do livro.

O sistema cultural atua no fomento da produção tradutória e literária por meio do Instituto Cultural Cidade Viva, da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro e da Lei Estadual de Incentivo à Cultura. É interessante notar que a publicação surgiu em época de necessidade de promoção da cidade do Rio de Janeiro, devido aos eventos esportivos mundiais, previamente

citados. Questiona-se se, em outra época e em condições diversas, a atuação desses patrocinadores seria tão evidente.

O sistema político age em benefício da produção por meio de seu patrocínio direto, e por meio da Fundação do Instituto Light, órgão governamental. O interesse em veicular a imagem do Rio de Janeiro, não somente como um local de lazer, beleza natural e boa gastronomia, mas como uma terra de produção literária e cultural parece estar presente nos motivos que subjazem o incentivo.

Outros resultados de relevância foram obtidos por este estudo. Por meio da análise dos paratextos, *Introdução à coleção* e *Prefácio dos produtores*, obtiveram-se as seguintes descobertas: apontou-se o ineditismo da obra bilíngue, pois é a primeira vez que João do Rio é traduzido ao inglês e consta no mesmo livro que o texto de partida; e destacou-se a relevância do texto na promoção e divulgação do modo de viver carioca e a finalidade linguístico-literária da produção. Os produtores defendem que o texto servirá a finalidade literária - divulgando o autor, sua estética e obra, cumprirá sua função jornalística – ao partilhar sobre os modos de vida e as personagens cariocas, e oferecerá uma oportunidade de aprimoramento do leitor no que concerne ao conhecimento sobre o par linguístico português brasileiro/inglês.

Com esses dados em foco, surge aqui, de acordo com os preceitos de Toury (2012, p. 66), a lembrança de que as traduções são fatos da cultura de chegada. Assim, o seguinte questionamento emerge a respeito do texto traduzido, *The enchanting soul of the streets*: qual seria essa cultura almejada pela tradução e quem seria o leitor alvo desta produção? O leitor estrangeiro, que se depara com informações sobre a cidade que sedia os eventos, ou, o brasileiro falante nativo, que utilizará o texto traduzido ao inglês como intermédio para sua aprendizagem da língua estrangeira?

4. Relatos de tradução e a obra bilíngue

A introdução às notas de tradução, escrita por Mark Carlyon e intitulada *Traduzindo João do Rio/Translating João do Rio*, explica que as crônicas do autor foram publicadas inicialmente em periódicos mensais e que escritor e leitores da época partilhavam referências históricas, culturais e sociais. Dessa forma, surgiu a necessidade de se inserirem notas explicativas detalhadas sobre questões tradutórias, culturais e histórico-sociais, visto que o leitor atual no Brasil e no exterior provavelmente desconhece as referências dessa natureza utilizadas na obra.

As crônicas de João do Rio eram “poéticas, idiossincráticas e investigativas” (CARLYON, 2010, p. 454). A escolha vocabular do autor, segundo o tradutor, é bastante particular, utilizando-se de características acústicas, de ritmo e de significado.

Quanto ao seu discurso, Carlyon (2010, p. 255) esclarece que João do Rio escrevia períodos e parágrafos extensos, que foram mantidos quando possível e divididos quando necessário, sempre enfocando a sonoridade e o ritmo do texto fonte. Finaliza o tradutor com o alerta de que a tradução é somente uma imagem acústica do contexto e época do escritor, nesse caso, do início do século XX no Rio de Janeiro. Contudo, o texto, norteado pelos ideais da *belle époque*, das cores do Rio de Janeiro e do seu estilo rebuscado, chega até nós como uma parte do som de João do Rio.

No que tange às notas de tradução, Mark Carlyon aborda, da página 454 à página 467, elementos referentes às sociedades e às culturas brasileira e carioca na época de João do Rio. Nomes de ruas e edifícios famosos, por exemplo, são descritos em muitas notas: “O cassino: teatro na Praça Tiradentes, anterior ao Teatro Carlos Gomes; O Lírico: teatro mais importante do Rio de Janeiro até a abertura do *Theatro Municipal*, em 1909; Rua do Núncio: rua estreita na área comercial que faz parte do bazar de sírios e libaneses, chamado Saara; Ponta da Areia: bairro tradicional dos estaleiros; Morro da Favela: hoje morro da providência, primeira favela do rio, habitada por soldados da guerra de canudos, construída sobre uma colina chamada favela”⁸.

Personalidades cariocas de destaque são explanadas nas notas, bem como nomes de empresas e instituições, como: Laurindo José da Silva Rabelo (1826-1864): médico, professor e poeta romântico afro-brasileiro de origem humilde; Eduardo das Neves (1874-1919): poeta afro-brasileiro, compositor e violonista, autor de *Aquidabã*; Catulo da Paixão Cearense (1863-1946): poeta, músico e compositor brasileiro boêmio; Manuel Pedro dos Santos (1887-1944): Baiano, primeiro cantor brasileiro a gravar uma canção⁹; Cantareira: nome da empresa que fazia a travessia de barcas Rio-Niterói; exposições anuais: quatro exposições gerais das Belas Artes, no Rio de Janeiro, de 1904 a 1907¹⁰.

Alguns nomes, conceitos, ações, objetos e meios de transporte são esclarecidos: “flanar: a arte de perambular¹¹; *vis-à-vis*: carruagem de quatro rodas com assentos para dois

⁸ Respectivamente, notas 12, 14, p. 456; notas 77, p. 460, nota 140, p. 463 e nota 161, p. 465.

⁹ Respectivamente, notas 174, 176, 177 e 178, p. 466.

¹⁰ Respectivamente nota 79, p. 460 e nota 141, p. 463.

¹¹ Nota 9, p. 456.

passageiros de frente um para o outro¹²; berlinda: carruagem fechada de quatro rodas com um assento aberto com capota na parte de trás¹³; aquidabã: navio de guerra brasileiro mais avançado tecnicamente da sua época (1885), usado em várias revoltas brasileiras, explodiu misteriosamente, matando 212 tripulantes”¹⁴.

Com respeito a outras informações sobre o seu projeto tradutório, conforme Carlyon (2010), sua tradução procura conter poética e escolha vocabular próprias, mas, ao mesmo tempo, prioriza o ritmo e som do texto, da mesma forma que o texto de João do Rio emerge para o leitor. No que se refere à introdução, à tradução e às notas de tradução de Mark Carlyon, constata-se o desenvolvimento de um denso trabalho de informação cultural, histórica e social. Esses paratextos oferecem suporte ao leitor estrangeiro, bem como ao leitor brasileiro da atualidade, para a compreensão do mundo carioca de João do Rio.

5. Breve análise do processo tradutório

Esta última seção do trabalho dedica-se a uma breve análise descritiva do processo de tradução da obra, com o intuito de salientar algumas especificidades nos macro e micro níveis tradutórios. Para esta finalidade, elencam-se os aportes teóricos de José Lambert e Hendrik Van Gorp (2006), com a utilização de seu esquema para a análise de traduções e os postulados de Gideon Toury (2012), no que tange às normas de tradução.

Com referência à descrição de traduções, Lambert e Van Gorp (2006) propõem a análise dentro do escopo dos Estudos Descritivos da Tradução, ou EDTs. Os autores defendem que os sistemas culturais fonte e alvo mantêm relação aberta, entretanto, enfocada nas normas vigentes no sistema do texto traduzido. Para essa finalidade, os teóricos oferecem seu esquema para análises de tradução (ANEXO), que levam em conta as ligações entre textos, escritores, recepção das obras em ambos os sistemas, e o lugar que as traduções ocupam no sistema literário da cultura alvo.

Algumas possíveis análises a partir do modelo proposto caracterizam-se pela diferenciação entre tradução e adaptação, pela análise das normas do sistema literário e cultural incorporadas ao texto, como aspectos referentes à escolha lexical, ao estilo e à estética literária

¹² Nota 104, p. 461.

¹³ Nota 108, p. 461.

¹⁴ Nota 130, p. 463.

subjacentes, pela análise histórica de traduções e pela influência de traduções na constituição de sistemas literários, entre outras (LAMBERT; VAN GORP, 2006, p. 39).

No caso da tradução *The enchanting soul of the streets*, por Mark Carlyon, ao aplicar o esquema proposto por Lambert e Van Gorp (2006), foram encontrados dados preliminares bastante evidentes. Na capa, há a presença do título da obra na língua fonte, *A alma encantadora das ruas*, e na língua-alvo, *The enchanting soul of the streets*; o nome do autor, João do Rio (João Paulo Emilio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto), mas não há referência ao nome do tradutor, Mark Carlyon, e nem indicação de que se trata do gênero coleção de crônicas. Encontra-se, porém, a menção ao autor da tradução na página-título bilíngue, junto às indicações de autoria da introdução, de MV Serra e Antonio Edmilson Martins Rodrigues, e das ilustrações, de Waltecio Caldas. Os textos de acompanhamento, como já descrito nas seções anteriores, são a introdução, as notas do tradutor após o texto principal, e o texto de apresentação do contexto de João do Rio, o Rio de Janeiro do início do século XX. A tradução do texto à Língua Inglesa é completa e acompanhada do texto fonte em Língua Portuguesa, constituindo uma edição inédita no mercado brasileiro.

No macronível da publicação, destaca-se a divisão do texto dentro dos capítulos e seus subitens, a saber: 1 *The street (The street)*; 2 *What one sees in the streets (Little professions, Tattooists, Prayers, Vultures, Booksellers and What people read in the streets, Paintings of the streets, Signboards, Opium Visions, Street musicians, Old coachmen, Nativity scenes, Midnight mass e Carnival)*; 3 *Three aspects of poverty (Moths of luxury, Stevedores, Black hunger, A good night's sleep, Beggar women e Street children)*; 4 *Where the street sometimes ends (Crimes of passion, The upper gallery, Visiting day, Prisoner's poems, The prisoners' four cardinal ideas e Women prisoners)*; e 5 *The muse of the streets (The muse of the streets)*.¹⁵

A estrutura interna do texto de partida, a crônica jornalística, foi mantida na tradução e combina trechos descritivos das ruas, das pessoas e das atividades por elas desenvolvidas, como neste extrato de *Paintings of the streets*:

It was Sunday, the day for punishing the body with the least entertaining of

15 1 A rua (A rua); 2 O que se vê nas ruas (Pequenas profissões, Os tatuadores, Orações, Os urubus, Os mercadores de livros e a leitura das ruas, A pintura das ruas, Tabuletas, Visões d'ópio, Músicos ambulantes, Velhos cocheiros, Presepes, Como se ouve a Missa do 'Galo' e Cordões); 3 Três aspectos da miséria (Mariposas de luxo, Os trabalhadores de estiva, A fome negra, Sono calmo, As mulheres mendigas e Os que começam); 4 Onde às vezes termina a rua (Crimes de amor, A galeria superior, O dia de visitas, Versos dos presos, As quatro ideias capitais dos prisioneiros e Mulheres detentas); e 5 A musa das ruas (A musa das ruas) (RIO, 2010, p. 10 e 12).

entertainments. I set out slowly, on foot, to visit outlandish places, tawdry taverns and grotesque saloons, in a state verging on mental collapse such was my confusion and expectation. Does this city have any idea of how many painters it has? The official statistics are completely wrong. On every street corner we come across the work of a painter whose existence is entirely unknown (RIO, 2010, p. 161)¹⁶.

Houve também a manutenção da narrativa ocasional e do diálogo ilustrativo da dinâmica entre as personagens, como na tradução da crônica *Tattooists*:

“How much?” he asked.
 “It depends,” the child said. “Do you want initials or a crest?”
 “I want a heart!”
 “With a name inside?”
 The boy hesitated. Then:
 “Yes. With a name: Mari Josefina.”
 “Six thousand reis, for everything.”
 They discussed the price for a while, the child was adamant. Then another came over from the kiosk on the corner.
 “I’ll do it!” he said. “You’re letting yourself be swindled!”
 “Pay what you want, then!” said the first.
 The lad smiled. He finally gave in and rolled up his shirt sleeve, revealing the muscles on his arm (RIO, 2010, p. 107)¹⁷.

Observando-se o micronível da tradução, ou seja, quanto às alterações sintáticas, léxicas e estilísticas, entre outras, pode-se citar o excerto da crônica *Street children*, na qual o tradutor mantém nomes próprios em Língua Portuguesa, mas faz adaptações no estilo e estrutura da escrita:

¹⁶ Era domingo, dia em que o trabalho é castigar o corpo com as diversões menos divertidas. Saí, devagar e a pé, a visitar bodegas reles, lugares bizarros, botequins inconcebíveis, e vim arrasado de confusão cerebral e de encanto. Quantos pintores pensa a cidade que possui? A estatística da Escola é falsíssima. Em cada canto de rua depara a gente com obra de um pintor, cuja existência é ignorada por toda a gente (RIO, 2010, p. 160).

¹⁷ - Por quanto?

- É conforme – continuou o petiz. – É inicial ou coroa?

- É um coração!

- Com um nome dentro?

O rapaz hesitou. Depois:

- Sim, com nome: Maria Josefina.

- Fica tudo por uns seis mil réis.

Houve um momento em que se discutiu o preço, e o petiz estava inflexível, quando vindo do quiosque da esquina um outro se acercou.

-Ó moço, faço eu; não escute embromações!

Pagará o que quiser moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço (RIO, 2010, p. 106).

Estela, a little mulatta, lives in *Rua Senador Eusébio* with a woman who says she's her grandmother. She begs at the entrance to Central Station, often staying until ten at night. Nicota, who lives in the *Pedregulho* is thirteen, with a dangerous sparkle in her eye. Her age and the softening of certain parts of her anatomy ensure her a healthy income. She follows orders from her stepfather, a Portuguese called Jerônimo, who sends her out to work. She begs at the entrance of the barracks, in the shopping streets and in the Eros Gardens at dusk, stopping just shortly of definitely losing her virtue. She confesses that she is going to abandon Jerônimo for sergeant Gomes, with whom she's in love. The list is endless; endless variations on a single theme (RIO, 2010, p. 339)¹⁸.

O tradutor parece ter encontrado soluções tradutórias com seleção lexical mais natural ao leitor de Língua Inglesa, como a opção por *barracks*, *losing her virtue* e *softening of certain parts*. Percebe-se a adoção de um padrão gramatical convencional da Língua Inglesa e um estilo de escrita mais direto, igualmente típico desse vernáculo, como em: “*sends her out to work*” e “*She begs at the entrance to Central Station*”.

É interessante notar a solução do tradutor com respeito ao nível de elaboração da linguagem. O texto de João do Rio naturalmente soa arcaico para o leitor atual da Língua Portuguesa e a opção de Carlyon de utilizar a sofisticação lexical para a tradução na Língua Inglesa parece conferir tom de semelhança linguística e de registro à escrita do texto-fonte, evidenciada no trecho de *Carnival*:

Beneath the velvet costumes and sparkling sequins of these hollering black men lie centuries of tradition; all of these drunken black women, shaking their wide hips in their crumpled skirts, are a throwback to the frenzy of the rites of spring in Byblos and the rabid fury of the Bacchanalia. What I want to do, when I see them pass by, bellowing, beating their drums, shaking their rattles in this incomparable glorification of noise, is to respect them; is to recite in their praise, in classical metre, the lines of Pindar: Hail groups bedecked with flowers, flower-bedecked branches of life...” (RIO, 2010, p. 249)¹⁹.

¹⁸ Estela, mulatinha, vive com uma dama que se diz sua avó, na Rua Senador Eusébio. Às vezes fica até as dez horas da noite à porta da Central, esmolando. Nicota, moradora do Pedregulho, tem treze anos e perigosa viveza de olhar. A puberdade, a languidez dos membros rijos dão-lhe receitas grandes. É mandada pelo padraсто, um português chamado Jerônimo, que a industria. Explora a miséria do jardim de Eros, fazendo tudo quanto não a prejudica definitivamente, à porta dos quarteis, pelos bairros comerciais, ao escurecer. Confessa que vai abandonar o Jerônimo pelo sargento Gomes, a quem ama. A lista não tem fim, é o mesmo fato com variantes secundárias (RIO, 2010, p. 338).

¹⁹ Cada um desses pretos ululantes tem por sob a belbutina e o reflexo discrômico das lantejoulas, tradições milenares; cada preta bêbada, desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delírio das procissões em Biblos pela época da primavera e a fúria rábida das bacantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apoteose incomensurável do rumor, de os respeitar,

Com respeito ao nível sistêmico, a partir do modelo de Lambert e Van Gorp, verifica-se a possibilidade de análise por meio de normas de tradução. Destacamos aquelas propostas por Toury (2012), que segundo o autor, não são prescritivas e possibilitam a realização de um levantamento das tendências presentes em uma tradução, sendo classificadas em iniciais, preliminares e operacionais. A norma inicial classifica a tradução a partir do contínuo adequação e aceitação. A tradução adequada se verifica quando o texto traduzido é baseado primordialmente no texto fonte e suas características de cultura, literatura e língua. Nesse caso, verifica-se tendência à estrangeirização, consoante os postulados de Venuti (2002), dessa tradução, muitas vezes com a evidência de resíduos do texto estrangeiro. A outra extremidade do contínuo ocorre ao se verificarem marcas dos sistemas da cultura de chegada na tradução da obra, com a proeminência de escolhas tradutórias ligadas à literatura, língua e outros aspectos culturais do texto alvo, encontrando-se opções tradutórias domesticantes, de acordo com os preceitos do autor.

Apesar deste estudo se tratar de análise que contempla somente uma obra e uma tradução, o que não é usualmente preconizado para a verificação de normas, acredita-se ser relevante a reflexão sobre as normas ou tendências presentes no texto traduzido em questão. Com esse foco, em *The enchanting soul of the streets*, encontram-se aparentemente as duas tendências, adequação e aceitação, em maior ou menor grau, na tradução das crônicas ao longo da obra. As numerosas notas de tradução explanadoras sobre o contexto de partida e a manutenção de nomes e termos na língua fonte, o português brasileiro, aponta uma forte ligação da tradução com o texto fonte, escrito por João do Rio. Exemplo dessa conservação lexical verifica-se no segmento e na nota de tradução da crônica *Women prisoners*:

They come from the *Morro da Favela* (note 220), the backstreets behind the military headquarters, the alleyways that run into the *Largo da Lapa*, the *Ruas da Conceição*, *São Jorge* and *Núncio*. Almost always it was a ‘temptation’ that caused them to fight; a man who wanted and intended to satisfy them both. Others had physically attacked their lovers in a state of drunken desperation. (Rio, 2010, p. 407)

Note 220 *Morro* means hill. The *Morro da Favela*, today called the *Morro da Providência*, located behind the Central Station in *Gamboa*, was the first hillside shantytown community in Rio, populated by soldiers returning from the war in

entoando em seu louvor a “prosódia” clássica com as frases de Píndaro – salve grupos floridos, ramos floridos da vida... (RIO, 2010, p. 248).

Canudos (note 264) where they had occupied a hill called *Favela*. The word came to be applied to all such communities; it is entered in Webster's Unabridged as 'a shantytown in or near a city, esp. in Brazil'²⁰(CARLYON, in RIO, 2010, p.484).

Entretanto, e em igual intensidade, verificam-se alterações na linguagem no texto de chegada, de forma que possa permitir mais fácil compreensão do leitor estrangeiro, e especialmente em relação aos padrões sintáticos da língua-alvo, no caso, a Língua Inglesa. Um extrato ilustrativo dessa tendência se encontra na crônica *Little professions*:

"The unknown professions. I am sure you don't know the shrewd rag dealers, the seal collectors, the label collectors, the hunters, the fortune tellers. If it weren't for our horror of them, the Hygiene Department and the jokes in the annual periodicals, we wouldn't even know the rat catchers!" (RIO, 2010, p. 97)²¹.

A sintaxe dos segmentos "*I am sure you don't know*", "*If it weren't for our horror*" e "*we wouldn't even know*" é característica das construções gramaticais da Língua Inglesa e difere das formas do português brasileiro, utilizadas por João do Rio para escrever os mesmos trechos no texto fonte.

Outra norma cunhada por Toury (2012) é chamada preliminar e refere-se ao fato da tradução ser escrita a partir de um texto escrito na língua fonte, nesse caso resultando em uma tradução direta, ou da tradução ser embasada em uma tradução do texto fonte para outra língua, constituindo assim uma tradução indireta. O texto de partida, *A alma encantadora das ruas*, de acordo com o tradutor e editores, foi escrito por João do Rio em português brasileiro no ano de 1908, e é composto por crônicas oriundas de sua reflexão sobre a cidade do Rio de Janeiro nos seus dez primeiros anos de produção jornalística. Assim, aponta-se uma norma tradutória preliminar direta, ou seja, a partir do texto escrito na língua fonte, segundo os postulados de Toury (2012).

²⁰ São moradoras do morro da Favela (Nota 161) das ruelas próximas ao quartel general, dos becos que deságuam no Largo da Lapa, das Ruas Conceição, São Jorge e Núncio. Quase sempre brigavam por causa de uma "tentação" que tentava e pretendia satisfazer as duas. Outras atiraram-se à cara dos apaixonados num desespero de bebedeira. (RIO, 2010, p. 406)

Nota 161 Morro da Favela – Hoje, o *Morro da Providência*, localizado atrás da estação ferroviária *Central do Brasil*, na *Gamboa*; foi a primeira favela do Rio, habitada por soldados que voltavam da Guerra de Canudos onde eles haviam ocupado uma colina chamada *Favela* (CARLYON, in RIO, 2010, p. 465).

²¹ -As profissões ignoradas. Decerto não conheces os trapeiros sabidos, os apanha-rótulos, os selistas, os caçadores, as ledoras de buena dicha. Se não fossem o nosso horror, a Diretoria de Higiene e as blagues das revistas de ano, nem os ratoeiros seriam conhecidos (RIO, 2010, p. 96).

Por fim, segundo Toury (2012), a norma operacional se refere à forma de distribuição do material linguístico do texto de partida dentro do texto de chegada. Em análise de *The enchanting soul of the streets*, constata-se que o texto alvo foi composto seguindo-se organização semelhante àquela do texto fonte. Esse aspecto é evidenciado pela mesma divisão em capítulos, a manutenção da forma de escrita do gênero crônica e a inclusão de todas as crônicas presentes no texto de João do Rio.

6. Conclusão

Este conciso estudo da obra *The enchanting soul of the streets* (2010), com tradução de Mark Carlyon para a coletânea de crônicas de João do Rio intitulada *A alma encantadora das ruas* (1908), abordou primeiramente características da literatura do autor brasileiro. Verificou-se que o contexto da *belle époque* do Brasil, no início do século XX, impulsionou a formação da obra do escritor, que descreveu em suas crônicas as vicissitudes da influência desse modelo de vida na população carente da cidade carioca.

Este trabalho abordou, em segundo posto, dados concernentes à tradução, edição e publicação da obra em questão. Dentre esses, o artigo discute sobre o patrocínio do projeto realizado por agências de fomento local e federal e as razões para a escolha do texto, entre os livros elencados para a série *River of January*.

Em último lugar, esta investigação realizou uma micro e macro análise descritiva do processo tradutório do livro, enfocando a organização textual, linguística e paratextual da tradução e incluindo parte do relato de Mark Carlyon sobre seu projeto tradutório. Verificou-se que há uma tendência à adequação ou estrangeirização, consoante os postulados de Toury (2012) e Venuti (2002), no que tange à macroestrutura da tradução e, ao mesmo tempo, um direcionamento para aceitação ou domesticação, segundo os preceitos dos mesmos teóricos, com relação ao léxico e à sintaxe adotados pelo tradutor.

Conclui-se que a obra de João do Rio chega até o leitor do século XXI por meio desta nova edição bilíngue e reatualizada, e, diante desse fato, questiona-se quem será o leitor alvo deste livro e dos outros da série *River of January*. Sendo este um primeiro estudo sobre a tradução da obra em questão, o artigo abarcou apenas alguns elementos nesta análise preliminar. Acredita-se que futuras investigações sobre esta temática de possível relevância para os estudos da tradução literária seriam a recepção da coleção *River of January* no polissistema literário do Brasil e no exterior e o alcance da obra junto aos leitores brasileiros e estrangeiros.

Referências bibliográficas

ALQUERES, J. L.; PORTELA, F. C.; SERRA, M. V. Introdução. *River of January: o Rio de Janeiro visto pelos seus escritores/River of January: Rio de Janeiro through the eyes of its writers*. In: RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas. The Enchanting soul of the streets**. Tradução de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010, p 4-9.

CARLYON, M. Introdução às notas de tradução. Traduzindo João do Rio/Translating João do Rio. In: RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas. The Enchanting soul of the streets**. Tradução de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010, p.454-487.

CARLYON, M. **Webpage do tradutor**. Disponível em: <http://www.markcarlyon.com.br/>, acesso em: 26.08.2013 e 27.09.2014.

CARVALHO, J. M. **Os Bestializados**: Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W. (orgs.). **Literatura e Tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. On describing translations. In: LAMBERT, J. **Functional approaches to culture and translation**: selected papers by José Lambert. Amsterdam: John Benjamin's B.V, 2006. p. 37-48.

LEFEVERE, A. **Rewriting and the manipulation of literary fame**. Londres: Routledge, 1992.

LEFEVERE, A. Mother courage's cucumbers: text, system and refraction in a theory of literature. In VENUTI, L. (org.) **The Translation Studies Reader**. London: Routledge, 2000.

MORETTO, F. M. L. **Caminhos do decadentismo francês**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1989.

OLIVEIRA, A. C. Estesia e experiência do sentido. **Cadernos de Semiótica Aplicada**. Vol.8 n.2, dez, 2010, p. 2.

PINHEIRO, M. P. A alma encantadora das ruas: o cronista-flâneur no avesso da cidade. **Revista Araticum**, v.5. n.1, 2012.

Portal da organização Rio é Cultura. Disponível em: <http://www.riocultura.com.br/biblio/biblio2.asp?cod=69>,>, acesso em: 26.08.2013 e 27.09.2014.

RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas. The Enchanting soul of the streets**. Tradução de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010.

ROCHA, R. V. A figura do flâneur no entendimento da prática jornalística sob a luz de João do Rio, um caso brasileiro. **Revista Anagrama**, a. v, e.1, 2010.

SANTOS, E. Entre os dandys, lésbicas e prostitutas: considerações sobre os contos “história de gente alegre” e “duas criaturas” de João do Rio. **Carandá**, n.2, p.8-26. Corumbá: UFMS, 2010.

SERRA, M. V.; RODRIGUES, A. E. M. Prefácio. A cidade e o tempo de João do Rio/The Rio de Janeiro of João do Rio. In: RIO, J. do. **A alma encantadora das ruas. The Enchanting soul of the streets**. Tradução de Mark Carlyon. Rio de Janeiro: Cidade Viva, 2010, p. 14-41.

SOUZA, F. F. Vivências Diversas, Experiências Compartilhadas: algumas reflexões acerca da constituição dos espaços sociais do trabalho na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX. **Anais do XIII Encontro de história Anpuh – Rio**. Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212951327_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO-ANPUH-RIO.pdf, acesso em: 24.08.2013.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Revised Edition. Philadelphia: John Benjamin Publishings, 2012. <http://dx.doi.org/10.1075/btl.100>

ANEXO - ESQUEMA SINTETIZADO PARA DESCRIÇÃO DE TRADUÇÃO LAMBERT E VAN GORP (2006, P. 221)

Esquema sintetizado para a descrição de tradução

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. On describing translations. In: LAMBERT, J. **Functional approaches to culture and translation**: selected papers by José Lambert. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2006. p. 46-47.

GUERINI, A.; TORRES, M.-H. C.; COSTA, W. (orgs.). **Literatura e Tradução**: textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 211-212.

1. Dados preliminares

Título e página-título (por exemplo, a presença ou ausência da indicação de gênero, nome do autor, nome do tradutor)

Metatextos (na página título; no prefácio; nas notas de rodapé – no texto ou separado?)

Estratégia geral (tradução parcial ou completa?)

Estes dados preliminares deveriam levar a hipóteses para análise posterior tanto no nível macroestrutural como no nível microestrutural.

2. Macronível:

Divisão do texto (em capítulos, atos, cenas, estrofes)

Título dos capítulos, apresentação dos atos ou cenas

Relação entre os tipos de narrativa, diálogos, descrição; entre diálogo e monólogo, voz solo e coro

Estrutura narrativa interna (enredo episódico? Final aberto?); intriga dramática (prólogo, exposição, clímax, conclusão, epílogo); estrutura poética (por exemplo, contraste entre quartetos e tercetos em um soneto)

Comentário autoral, instruções de palco

Esses dados macroestruturais devem levar a hipóteses sobre as estratégias microestruturais.

3. Micronível (isto é, mudanças nos níveis fônicos, gráficos, micro sintáticos, léxico-semânticos, estilísticos, elocucionários e modais):

Seleção de palavras

Padrões gramaticais dominantes e estruturas literárias formais (metro, rima)

Formas de reprodução da fala (direta, indireta, fala indireta livre)

Narrativa, perspectiva e ponto de vista

Modalidade (passiva ou ativa, expressão de incerteza, ambiguidade)

Níveis de linguagem (socioleto; arcaico/popular/dialeto; jargão)

Esses dados sobre estratégias microestruturais deveriam levar a um confronto renovado com as estratégias macroestruturais e daí a considerações em termos do contexto sistemático mais amplo.

4. Contexto sistêmico:

Oposições entre micro e macroníveis e entre texto e teoria (normas, modelos)

Relações intertextuais (outras traduções e obras “criativas”)

Relações intersistêmicas (por exemplo, estruturas de gênero, códigos estilísticos)

Artigo recebido em: 18.01.2016

Artigo aprovado em: 13.04.2016